

---

## EDITORIAL

---

---

---

---

---

MARLENE CASTRO OSSAMI DE MOURA\*  
ELIANE LOPES BRENNER\*\*

A revista *Habitus* é uma publicação do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), lançada em 2003. A presente edição, de 2010, condensada em dois volumes, foi editada por Eliane Lopes e Marlene Ossami de Moura reunindo uma variedade de temas. Abrange, pois, questões da identidade, memória e representações sociais que interagem com a discussão sobre patrimônio arqueológico, paisagístico e arquitetônico, bem como traz uma reflexão sobre território, desenvolvimento sustentável e gestão de políticas públicas.

O primeiro artigo, de autoria de Camilla Agostini, Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), aborda as “Dinâmicas de fronteiras entre comunidades escravas e de lavradores livres”. A autora busca estudar a construção de identidades entre cativos, lavradores de roça livres e personagens liminares que transitavam nas fronteiras das chamadas comunidades escravas e comunidades de lavradores de roça, no meio rural fluminense do século XIX. Para tal,

---

\* Doutora em Antropologia pela Universidade Marc Bloch de Strasbourg, França e professora da PUC Goiás.

\*\* Doutora em Geografia Humana pela Universidad Autònoma de Barcelona, Espanha e professora da PUC Goiás.

parte ela de uma série de processos criminais trabalhados em seu conjunto, assim como de casos particulares selecionados, empregando a chamada análise de redes sociais. Os processos criminais foram a principal fonte documental trabalhada por permitir inferências sobre o cotidiano de diferentes personagens, a partir dos relatos de testemunhas e partes envolvidas nos processos. Por meio desses relatos foi possível construir fragmentos de histórias e de paisagens sociais, assim como observar a atuação destes diferentes personagens no contexto da escravidão em uma determinada vizinhança ou região.

O artigo “Goiânia, ‘cidade sertaneja’, ‘capital country’: mídia, representações sociais e identidades”, das autoras Clarinda Aparecida da Silva, doutoranda em Geografia, pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Maria Geralda de Almeida, Doutora em Geografia pela UFG, analisam a influência das representações de Goiânia – que abrigam uma identidade sertaneja e/ou country – produzidas e transmitidas pela mídia, nas representações dos moradores. Para as autoras, a mídia, como produtora de significados e de representações, possui a capacidade de consolidar atributos que fazem, dos lugares e dos eventos, partes da identidade da cidade. As autoras analisam a forma como diferentes grupos de moradores representam, constroem e reelaboram símbolos e identidades para a cidade diante de uma realidade apropriada e em eterna reconstrução pelos meios de comunicação de massa.

No artigo “História viva: saberes e memórias no cotidiano da comunidade de Santo Inácio, Ibiassucê, Bahia (1970-2009)”, Cleidiana Brito da Silva, Historiadora, investiga, a partir da história oral, as origens, as manifestações culturais e o modo de vida da comunidade quilombola de Santo Inácio, localizada na cidade de Ibiassucê, no estado da Bahia. A autora analisa também o processo de construção da identidade da comunidade a partir das marcas deixadas pela discriminação.

“Xire – A festa do Candoblé e a formação dos entre-lugares” é o artigo escrito por Mary Anne Vieira da Silva e trata de evidenciar a religião de matriz africana do Candom-

blé, enfocando, sobretudo, o momento em que tal prática se abre para a vivência coletiva e socializada. A prática cultural, aqui, se configura na composição e vivências das/nas festas dos santos mais populares. Nessas festas, as relações sociais, étnicas, culturais e sexuais imbricam-se a tal ponto, que as inferências sobre a interseccionalidade extrapolam os aspectos sagrados, permitindo que o festejo se torne o espaço de negociação, resistência e afirmação de identidades para aqueles que, diretamente, constituem as comunidades de terreiro.

O estudo empírico “Ouro Fino: um arraial... uma igreja... um largo... e uma vaga lembrança na paisagem”, de Laura Ludovico Melo, Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural pela PUC Goiás, argumenta que falar das paisagens de Ouro Fino significa entrelaçar três veios científicos com três focos diferenciados. O primeiro se dá por meio da paisagem arqueológica que observa os vestígios, as “sobras” de uma ocupação, o que está eternizado no subsolo da paisagem. Mediante a paisagem urbana, observa-se o modo como a sociedade apropriou-se da topografia do local, pela disposição de seus edifícios em ruínas e de seus arruamentos. Pela paisagem da memória, observa-se de forma diferenciada, não se olhando para o mundo exterior do indivíduo. Olha-se para dentro da alma, da memória daquele que teve, com o arraial, algum tipo de relacionamento. Por essa paisagem, resgata-se, de certa forma, algum laço afetivo, alguma lembrança que une o indivíduo àquela paisagem que já foi um lugar plenamente definido por ele. O lugar Ouro Fino perpetua-se, íntegro e perfeito, no imaginário das famílias que ali se estabeleceram quando vieram fixar moradia e então “enraizar-se” no Brasil e em Goiás.

Tratando dos estudos da paisagem, Eliane Lopes Brenner, Doutora em Geografia Humana, pela Universidad Autònoma de Barcelona (UAB-Espanha) e Maurício Lopes, Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás autores do artigo “Transversalidade da cultura e paisagem turística”, analisam a relevância da abordagem antropológica no uso da paisagem como

atrativo turístico. Eles argumentam que a paisagem é uma representação da interferência humana e discutem os valores nascidos dessa interação e sua implicação no turismo. Abordam ainda as limitações decorrentes do uso da paisagem, a importância da cultura para o turismo e a gestão das atividades turísticas.

A Arqueóloga e mestrandia em História pela PUC Goiás, Cristiane Loriza Dantas, analisa as relações sociais estabelecidas no seio de uma comunidade localizada no sudoeste goiano, a partir da instalação, no século XIX, da Fazenda Cachoeira do Corrente, hoje, transformada em sítio arqueológico histórico. Para tanto, analisa o processo de ocupação da região, enfatizando a dinâmica do contato que irá gerar diferentes trajetórias e modalidades de vida, manifestadas, sobretudo, na cultura material. Para a autora, a constituição dos espaços ao longo do tempo configura-se como elementos carregados de significados que precisam ser compreendidos como lugares de reprodução simbólica.

O Engenheiro Florestal e doutorando em Ciências Sociais pela UFRRJ/DDAS/CPDA, Marcelo Durcan, analisa uma experiência brasileira de formulação e implantação de um programa de apoio ao desenvolvimento rural, a partir da “abordagem territorial”, cujo método vem contribuindo no ordenamento e organização das políticas e da gestão pública. O programa, norteado por meio de paradigmas do desenvolvimento sustentável, priorizou regiões do Brasil com alta incidência de agricultores familiares. Segundo o autor, o programa é analisado a partir de critérios de análise de políticas públicas como forma de resgatar aspectos relevantes que serviram de vetores para dar forma ao programa.

Na sequência, a resenha elaborada por Marlene Castro Ossami de Moura, Doutora em Antropologia, pela Universidade Marc Bloch de Strasbourg, França, comenta o livro do antropólogo francês Eric Navet, intitulado *L'Occident Barbare et la Philosophie Sauvage – Essai sur le Mode de Penser des Indiens Ojibwé*. Paris: Homnisphères, 2007.

Na sua última seção, *Habitus* traz ainda resumos de dissertações de mestrados e tese de doutorado, defendidas no Programa do Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural, da PUC Goiás e do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP).

Com o propósito de contribuir para a divulgação do saber científico, as editoras desta edição da *Habitus* agradecem a contribuição dos professores colaboradores/pareceristas: Vera Bergerot, Márcia Bezerra, Gerda Priestley, Marco Lazzarin, Maria Geralda de Almeida, Flávio Silveira, Vívian Ferreira Paes, Sibeli Viana, Maurício Lopes, Flávia Braga Vieira e Luena Pereira.